

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUBJETIVIDADE E SUA RELAÇÃO COM O SINGULAR E COM A SAÚDE MENTAL

Roberta Stubs Parpinelli*

Luiz Hermenegildo Fabiano**

Universidade Estadual de Maringá

O presente estudo tem como finalidade entender o modo como o agenciamento de processos subjetivos singulares potencializa e fortalece a saúde mental dos sujeitos. Para tanto, são desenvolvidas no transcorrer do texto discussões acerca da constituição da subjetividade, da cultura como força que atua na formação dos sujeitos, da singularidade como alternativa à massificação cultural e da relação entre singularização com a concepção de saúde mental. Num primeiro momento a atenção é voltada para a definição de subjetividade que neste texto vai ao encontro das contribuições da Esquizoanálise, perspectiva de análise criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari que consiste em uma ampla leitura da realidade, englobando tanto aspectos sociais, individuais, políticos, subjetivos, tecnológicos, estéticos, etc. Em outros termos, pode-se dizer que a esquizoanálise se propõe a entender os indivíduos, instituições e grupos em sua relação com o mundo.

Na concepção de Deleuze e Guattari (1999), a subjetividade é concebida como um sistema aberto e *pulsátil* que se constitui num movimento contínuo na medida em que se conecta com a multiplicidade de fatores que compõem a realidade, essa multiplicidade é denominada por Guattari (1993), como *equipamentos coletivos de subjetivação* ou *componentes de subjetivação*¹. Numa leitura realizada sobre o modo como a subjetividade é entendida pela esquizoanálise, Parpinelli e Souza (2005, p. 408), afirmam o seguinte:

[...] subjetividade é uma noção complexa, cujo entendimento depende da articulação de aspectos psíquicos com toda a miríade de forças que compõem a própria realidade. Ao invés de pensar um sujeito de contornos limitados e fechado em si, a partir do qual a subjetividade brota, melhor

* Especialista em Saúde Mental e Intervenções Psicológicas e mestranda do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

** Professor Doutor em Filosofia da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

¹ Segundo Guattari (2000, p.162), agenciamentos coletivos de enunciação implicam multiplicidades humanas, devires animais, vegetais, maquínicos, incorporais, infrapessoais, etc. O agenciamento propriamente dito, se refere ao aumento das dimensões da multiplicidade à medida que ela efetua conexões. Em outras palavras, este termo designa os diferentes fatores sociais, animais, tecnológicos, históricos, psíquicos, mnemônicos, etc., que atuam no processo de subjetivação.

seria pensar no cruzamento de múltiplos componentes de subjetivação que se ligam e religam e acabam influenciando a constituição da subjetividade.

Falar de subjetividade não é falar sobre uma essência ou uma realidade já dada, muito menos de alguma estrutura sempre idêntica a si. Entende-se a subjetividade como um processo de subjetivação, no qual o sujeito se apresenta como resultado da convergência de vetores de subjetivação da ordem do coletivo. Desse modo, falar em subjetividade é falar num processo de produção de si, que ganha forma ao se conectar com múltiplos elementos como: as relações familiares, a mídia, a cultura, a arte, a violência social, entre outros. Pensar a subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais (GUATTARI, 2000), é concebê-la como um sistema vivo e se abrir para entender o outro com um ser mutável, que não se encontra, necessariamente, preso a uma identidade fixa. A própria noção de identidade² se perde dentro deste contexto. Qualquer tentativa de rotulação pode ser desfeita pela pulsação da subjetividade, ou seja, o movimento subjetivo possibilita ao sujeito se desprender de rótulos e estigmas e constituir outros planos existenciais. Desse modo, a subjetividade funciona como uma usina que produz incessantemente sensibilidades, pensamentos, emoções, desejos, modos de ser, posturas políticas, relações de interação social, entre outros. Sobre este aspecto Guattari e Rolnik (1999, p. 26), afirmam o seguinte:

Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular com o tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas.

Nesse ínterim, a subjetividade pode ser compreendida como um vir a ser subjetivo, na qual o sujeito, ao se encontrar com diferentes equipamentos de subjetivação entra num movimento de entrelaçamento interno-externo e se dobra para uma composição subjetiva que, por sua vez, põe-se de pé e se faz funcionar. Esse entendimento mais plural da subjetividade coteja em diferentes âmbitos da própria realidade, no qual se insere o psiquismo humano, uma visão de homem, os fenômenos psicológicos, a dimensão social e

² Afirmar que a noção de identidade se perde dentro deste entendimento de subjetividade não quer dizer que os sujeitos deixam de se compor com elementos próprios e singulares, apenas rompe com a idéia de uma identidade como algo ontológico, cristalizado em contornos imutáveis. Ou seja, uma identidade reduzida a uma individualidade deslocada do espaço e tempo históricos em que ela age e interage, constituindo-se como parte integrante e, ao mesmo tempo, capaz de modificar na sua inserção coletiva e a si mesma.

econômica da sociedade, a atuação da mídia, as expressões culturais, etc. Desse modo, subjetividade e realidade são inseparáveis.

Para melhor compreender a pluralidade que envolve a díade subjetividade-realidade é importante entender o conceito de rizoma formulado por Deleuze e Guattari. Na concepção dos autores, as diferentes conexões realizadas no movimento de constituição da subjetividade ocorre de maneira rizomática. Pode-se dizer que o rizoma procede por alianças e conexões efetuadas pela conjuntura de elementos desprovidos de pontos de chegada ou partida, mas imersos no princípio de heterogeneidade e multiplicidade. Desse modo, o rizoma se caracteriza por sua capacidade de contínua conexão, pela abertura para o heterogêneo e pelo princípio de multiplicidade. De acordo com Deleuze e Guattari (2002), a multiplicidade pressupõe uma transformação quanto à mudança de natureza, ou seja, a conexão de dois ou mais elementos implica não apenas uma complementaridade, eles se somam e se transubstanciam numa nova forma e numa nova intensidade, prontas a se modificarem novamente. Assim, a concepção de rizoma traz consigo o dinamismo da idéia de conexão e a possibilidade de fazer surgir o heterogêneo tanto pela abertura para o diferente quanto pela transformação de elementos distintos da realidade. Esse dinamismo psíquico possibilita aos sujeitos, de acordo com Guattari e Rolnik (1999), se relacionarem com a subjetividade de modo criativo, abrindo frestas nas quais a multiplicidade e o heterogêneo podem se fazer presentes. Neste sentido:

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (Guattari e Rolnik: 1999, p. 33)

Para os autores, a singularização se faz num movimento que possibilita aos sujeitos agenciarem processos de alteridade. Essa potência criativa pode ser entendida como uma força de expansão da vida, como aptidão do corpo e da mente para a pluralidade simultânea, como capacidade da mente para conceber inúmeras idéias e desejar simultaneamente tudo que aumente sua capacidade de pensar, potencializando, concomitantemente, seu modo de existir. Ou seja, ocorre o fortalecimento subjetivo dos

sujeitos no sentido de exigir outras relações com a realidade, relações mais abertas para a pluralidade, para a inauguração do novo e para a expressão da diferença. O processo de singularização possibilita aos sujeitos realizar movimentos contínuos de desterritorialização, reciclar constantemente seus universos de referência, ou seja, imergir num fluxo no qual as tentativas de estratificação subjetiva sejam logo surpreendidas por fugas de alteridade, pela conexão com o heterogêneo.

É válido ressaltar que a tentativa de entender a formação dos sujeitos sem desgarrá-la do mundo externo, não é mérito apenas da Esquizoanálise, já em 1947 os teóricos da Escola de Frankfurt construíram todo um arcabouço teórico para entender a formação dos sujeitos inseridos em determinado momento histórico. Para tanto, a dimensão da cultura e a relação estabelecida entre sujeito e sociedade torna-se indispensável para compreender o modo como a sociedade capitalista busca constituir subjetividades enquadradas e modeladas de acordo com interesses sociais bem específicos. Para melhor compreender o movimento pelo qual a cultura interfere na formação dos sujeitos, utiliza-se as contribuições de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, membros fundadores do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt formada em 1924. Dentre as contribuições da Escola de Frankfurt, faz-se uso do conceito de indústria cultural desenvolvido por Adorno e Horkheimer em 1947 quando estes publicaram o livro *Dialética do Esclarecimento*. Esta categoria de análise possibilita entender o processo através do qual a cultura adquiriu um caráter instrumental e utilitário, passando a atuar na composição do movimento de um quadro social perpassado por valores e ideologias próprias do sistema capitalista.

Os autores afirmam que a indústria cultural interfere diretamente no processo de alienação cultural que torna obtusa a capacidade reflexiva dos sujeitos por meio de um contínuo movimento de refreamento e cristalização da capacidade crítica dos mesmos. Desse modo, os produtos da indústria cultural, tomados como sucedâneos de um processo cultural mais autêntico, propagam padrões que pasteurizam a diversidade cultural e a pluralidade subjetiva dos sujeitos num todo despotencializado, marcado pela ausência de movimentos reflexivos e pela livre aceitação de valores e modos de condutas. Desse modo, é de suma importância entender a maneira pela qual a indústria cultural apregoa valores que

conferem coesão ao sistema social vigente, atuando diretamente na formação ou semiformação (Halbbildung)³ dos sujeitos.

Para melhor compreender os aspectos ideológicos que perpassam a cultura na contemporaneidade, é importante entender o conceito de esclarecimento (Aufklärung) e sua relação com a apropriação da razão pelo processo de produção industrial. Pode-se dizer que a razão e o conhecimento humano desempenharam e ainda desempenham papel fundamental para o desenvolvimento da sociedade. O uso da razão proporcionou o avanço das ciências e a criação de métodos cada vez mais eficazes para dominar a natureza e propiciar à sociedade maior conforto e melhores condições de vida. No entanto, com o processo de produção industrial o conhecimento e a razão assumiram uma dimensão instrumental, ou seja, ficaram atrelados ao capitalismo industrial assumindo uma perspectiva utilitária. Nesse processo, houve um distanciamento do homem da função emancipatória do conhecimento que, por sua vez, ao desempenhar papel instrumental e utilitarista, se transformou num meio para aumentar a produção de bens industrializados e dar vida ao primeiro momento do modo de produção capitalista.

É nesse movimento de cooptação da função libertadora da razão e do pensamento emancipatório que se instaura aquilo que Adorno e Horkheimer (1985), denominaram razão instrumental. Este termo diz respeito ao movimento concomitante de dominação da natureza e do próprio homem inserido num momento histórico no qual o desenvolvimento industrial clama pela necessidade de novas tecnologias e novos meios de dominação da natureza. No entanto, o que no século XVI era uma necessidade para melhorar as condições de vida do homem, paulatinamente, foi adquirindo características puramente utilitárias e mercantilistas. Nesse processo foi-se esvaindo a dimensão emancipatória do conhecimento, já que este se encontra agrilhado ao processo de produção industrial. O aprisionamento da razão a fins utilitários torna tendenciosa a produção e disseminação do conhecimento, pois delimita parâmetros ao desenvolvimento intelectual e às ações humanas, fato que aumenta significativamente o poder da sociedade sobre os indivíduos. Adorno elucida bem esse processo: “Em decorrência da falta de esclarecimento, o poder da sociedade sobre os

³ Este termo é utilizado por Adorno (1996), para designar um tipo de formação comprometida ideologicamente com a dimensão utilitária e mercantilizada do conhecimento, ou seja, se refere a um tipo de formação cultural fragmentada que não viabiliza processos emancipatórios.

indivíduos é elevadíssimo. Os indivíduos se perdem numa massa impotente e dirigida pelo poder da ordem dominante.” (ADORNO, 1971, p. 14).

A aceitação a-crítica de valores e padrões por parte dos sujeitos, acaba obstruindo os aspectos de alteridade e singularidade, transformando o heterogêneo em um todo pasteurizado, fato que implica no não engendramento de processos de singularização. No que tange a este movimento de padronização Guattari e Rolnik (1999, p.40) apontam o seguinte: “A tendência atual é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras – tais como o capital, o trabalho, um certo tipo de assalariamento, a cultura, a informação, etc. -, que impedem que se de conta dos processos de singularização.” Ainda sobre a serialização da subjetividade Adorno e Horkheimer (1985), afirmam que a cultura contemporânea confere a tudo um *ar de semelhança*, engolfando as particularidades e as transformando num todo equalizado. Ou seja, define algumas premissas universais para sufocar e se apropriar do particular, visando manter uma certa coesão social por meio da repetição.

O que é salutar é o que se repete, como os processos cíclicos da natureza e da indústria. Eternamente sorriem os mesmos bebês nas revistas, eternamente ecoa o estrondo da máquina de jazz. Apesar de todo o progresso da técnica de representação, das regras e das especialidades, apesar de toda a atividade trepitante, o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.138).

Nesse processo de massificação, observa-se a compulsão pelo idêntico, uma perda do interesse por novas possibilidades de entendimento por intermédio da experiência pelo conhecimento, este reduzido ao pensamento esclarecido tal como exposto nos parágrafos anteriores. Assim, o conhecimento produzido sob a égide da razão instrumental, tende a atuar na conservação na maquinaria capitalista. Desse modo, a tendência maior é o da reprodução de conhecimentos já estabelecidos, mesmo que esse movimento implique na falsa sensação da criação do novo.

O processo formativo, atravessado por componentes da indústria cultural, acaba desembocando no embotamento da capacidade reflexiva dos sujeitos, no falseamento de processos subjetivos singulares e autônomos, enfim na constituição de sujeitos frágeis no que tange às suas potencialidades existenciais. Desse modo, é interessante entender o

processo por meio do qual as expressões singulares carregam traços de resistência ao mesmo tempo em que são cooptadas e integradas à totalidade social. É nesse tensionamento que as expressões singulares podem ganhar força e esboçar possíveis alternativas à lógica do sempre igual, que, por sua vez, alimenta o caráter homogeneizante da estrutura social tal como ela se apresenta na atualidade.

Para complementar a discussão, traz-se à baila a concepção de saúde mental e aproxima-se desta concepção o entendimento de subjetividade enquanto subjetivação, fato que abre arestas para pensar inúmeras questões relacionadas com a saúde mental e os diferentes fatores (por vezes estigmas sociais) associados a ela. Segundo um relatório publicado em 2001 pela Organização Pan-Americana da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde, intitulado “Saúde Mental: Nova Concepção, Nova Esperança”, a definição de saúde mental é muito ampla:

Os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa. Por uma perspectiva transcultural, é quase impossível definir saúde mental de uma forma completa. De modo geral, porém, concorda-se quanto ao fato de que saúde mental é algo mais do que a ausência de transtornos mentais. É importante compreender a saúde mental e, de modo mais geral, o funcionamento mental, porque vem daí a base sobre a qual se formará uma compreensão mais completa de desenvolvimento dos transtornos mentais e comportamentais.(p. 29)

Desse modo, saúde mental não significa a ausência de doença ou enfermidade, mas sim um estado de bem-estar que abranja aspectos físicos, mentais e sociais. Essa perspectiva carrega consigo uma mudança de paradigma no sentido de não mais focalizar somente a doença e as patologias dos sujeitos, mas sim seu estado de saúde. Esse entendimento possibilita uma variação de direção, se antes se dava prioridade a patologia hoje a atenção maior é a saúde dos sujeitos, que, por sua vez, não mais é rotulado como um ser doente, mas sim como alguém em estado de enfermidade. Olhar a saúde dos sujeitos é também buscar compreender o modo como os transtornos e o sofrimento mental podem comprometer a vida dos mesmos. Desse modo, desenvolver intervenções para melhorar a saúde mental é uma tarefa muito ampla e complexa, pois não se limita ao cerco de intervenções direcionadas para o tratamento de determinadas categorias de sofrimento

mental, mas sim a um contexto maior que envolve aspectos relacionados ao meio social, as condições materiais, ao desenvolvimento intelectual, a saúde psíquica e emocional, a carga genética, etc. Desse modo, perceber a diversidade de fatores que constituem a saúde mental dos sujeitos é entender as diferentes forças que atuam no processo de subjetivação dos mesmos, que envolve possíveis estados de saúde e/ou de doença mental.

A aproximação entre o entendimento de saúde mental e a subjetividade concebida como algo processual se faz na medida que a própria saúde mental também é processual, se constitui e assume formas diversas de acordo com as diferentes vivências e conexões de cada sujeito. Assim, quando o relatório da OMS afirma que saúde mental é também o bem-estar subjetivo, a autonomia e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa, pressupõem também um processo de formação de subjetividades mais autônomas e críticas frente aos diferentes vetores de subjetivação sociais e culturais. Assim, o processo de singularização se configura como uma alternativa para a constituição de sujeitos mais autônomos e com melhores condições de desenvolvimento intelectual e emocional.

Como já foi elucidado, entender a subjetividade sob uma perspectiva rizomática possibilita compreender o homem inserido numa miríade de conexões na qual o heterogêneo e a pluralidade se fazem presentes. Outro aspecto importante é a concepção de que o homem pode se configurar como agente ativo no processo de subjetivação, na constituição de seus campos referenciais. Essa visão de homem e de subjetividade se relaciona com a saúde mental na medida que possibilita a potencialização de uma perspectiva que de conta da multiplicidade e do movimento que perpassa o estado de saúde e de doença dos sujeitos. Sendo os próprios sujeitos um fator muito importante na efetivação da saúde mental da comunidade e dos indivíduos separadamente.

A massificação da cultura na atualidade, ao determinar gostos e valores em escala mercadológica demarca um clima dominante em que é priorizada a lógica do sempre igual, do tudo semelhante integrando assim uma subjetividade resistente ao heterogêneo e ao diferente. No campo da saúde mental esta discussão se aplica à concepção do indivíduo como um Ser doente, não em Estado de enfermidade. Daí a utilização de rótulos perniciosos como: *O Louco*, *O Paranóico*, *O Obsessivo*, *O Psicótico*, *A Histérica*, etc. Entender os sujeitos unicamente em função desses rótulos é aprisioná-los numa psicodinâmica pré-determinada e que acredita antever os desdobramentos destes estados

mentais. Esta concepção exclui as potencialidades desses sujeitos⁴ que, mesmo inseridos nestes quadros psíquicos, podem possuir lastros de autonomia, clarões de lucidez, movimentos de emancipação e traços de consistência subjetiva muitas vezes anunciadas por expressões singulares freqüentemente mal interpretadas (entendidas como expressões da loucura e não do sujeito singular). Assim, a loucura, como expressão máxima dos estados mentais acima mencionados, se apresenta como o diferente e automaticamente é negada e rechaçada da dinâmica normalizante da sociedade. Desse modo, a formação dos sujeitos promulgada por meio dos diferentes vetores da industrialização da cultura tende a cristalizar modos de ser e de existir que reforçam a efetivação de rótulos e conseqüentemente a naturalização do sistema social dominante. Sobre este aspecto vide as palavras de Adorno (1996, p. 390):

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação – cada uma delas, isolada, coloca-se em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva.

As palavras de Adorno promovem uma reflexão acerca de como os sujeitos abandonam seu potencial no agenciamento de modos de subjetivação ao aceitar e reproduzir valores e padrões disseminados pela ordem social vigente. Quando o autor se refere a formação regressiva dos sujeitos ele faz alusão ao comprometimento da dimensão reflexiva e crítica dos mesmos. Reproduzir e aferir rótulos para as manifestações heterogêneas ratifica uma lógica existencial na qual não há espaço para as diferenças, na qual impera o sempre igual.

Fortalecer a formação crítica e reflexiva dos sujeitos viabiliza práticas e interações sociais que geram atitudes existências mais criativas, singulares capazes de pôr em questão redundâncias comportamentais que se determinam como constituição regressiva da subjetividade. Neste sentido, saúde mental contempla também o desenvolvimento da capacidade crítica dos sujeitos. Proporciona condições intelectuais e emocionais para desenvolver consciência do movimento de massificação e engendrar processos de

⁴ Algumas vezes essas potencialidades são até reconhecidas, no entanto não ocorre a quebra do paradigma saúde/loucura e a leitura dessas potências são sufocadas pelo peso de significado que é a própria doença concebida enquanto entidade, não como estado por vezes transitório.

alteridade, assumindo uma postura ativa na constituição de sua própria subjetividade e da realidade na qual se insere. A realidade atual, muitas vezes, delimita e cerca o potencial de ação dos sujeitos, condicionando e determinando, inclusive, os estados de saúde e doença mental. Desse modo, é de suma importância aproximar a concepção de saúde mental do processo de subjetivação, mais especificamente do processo de singularização que possibilita o agenciamento diferenciado de modos de ser e estar no mundo, maneiras de conceber e atuar no mesmo. Esse agenciamento diferenciado reflete tanto no fortalecimento subjetivo quanto na potencialização da saúde mental dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.

ADORNO, Theodor. W. Teoria da semicultura. *Educação & Sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação*, ano XVII, n. 56, Campinas: Papirus, 1996.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: vol 3*. São Paulo: Editora 34. 1999.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: vol 4*. São Paulo: Editora 34. 2002.

GUATTARI, Félix. Da Produção de Subjetividade. In: Parente, André. *Imagem Máquina* (pp. 177-191). São Paulo: Editora 34. 1993.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34. 2000.

GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes. 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE & ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Saúde Mental: Nova Concepção, Nova Esperança*, 2001

PARPINELLI, Roberta, S. e SOUZA, Edmilson, W. F. Pensando os Fenômenos Psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 479-487, set./dez. 2005.